

Repositório ISCTE-IUL

Deposited in *Repositório ISCTE-IUL*:

2023-01-19

Deposited version:

Publisher Version

Peer-review status of attached file:

Peer-reviewed

Citation for published item:

Guterres, A., Paio, A., Jara, A. & Correia, L. (2019). Laboratório cívico: laboratório espaço físico. In Jorge Barreto Xavier, Alexandra Paio (Ed.), *O lugar da cidade*. (pp. 158-169). Lisboa: Iscte - Instituto Universitario de Lisboa.

Further information on publisher's website:

[10.15847/CIESIUL/2019/olugardacidade](https://dx.doi.org/10.15847/CIESIUL/2019/olugardacidade)

Publisher's copyright statement:

This is the peer reviewed version of the following article: Guterres, A., Paio, A., Jara, A. & Correia, L. (2019). Laboratório cívico: laboratório espaço físico. In Jorge Barreto Xavier, Alexandra Paio (Ed.), *O lugar da cidade*. (pp. 158-169). Lisboa: Iscte - Instituto Universitario de Lisboa., which has been published in final form at <https://dx.doi.org/10.15847/CIESIUL/2019/olugardacidade>. This article may be used for non-commercial purposes in accordance with the Publisher's Terms and Conditions for self-archiving.

Use policy

Creative Commons CC BY 4.0

The full-text may be used and/or reproduced, and given to third parties in any format or medium, without prior permission or charge, for personal research or study, educational, or not-for-profit purposes provided that:

- a full bibliographic reference is made to the original source
- a link is made to the metadata record in the Repository
- the full-text is not changed in any way

The full-text must not be sold in any format or medium without the formal permission of the copyright holders.

LABORATÓRIO CÍVICO

LABORATÓRIO ESPAÇO FÍSICO



Atelier Artéria – Humanizing Architecture, Arquitetas Ana Jara e Lucinda Correia; António Brito Guterres, Aga Khan Portugal; e Alexandra Paio, ISCTE-IUL

Laboratório Cívico Urbano - O lugar no Espaço Físico - teve como objetivo geral proporcionar aos seus participantes um contexto de reflexão crítica global e local sobre as estratégias e mecanismos de regeneração do espaço público urbano tendo como caso de estudo o Bairro da Mouraria. Promoveram-se diferentes metodologias de intervenção, dotando os participantes de ferramentas aplicáveis em diferentes contextos e escalas, e integrando diferentes atores locais. O foco foi expandir as competências dos participantes como futuros agentes participativos junto das autoridades locais através do domínio de técnicas que viabilizem a identidade, a diversidade e a pluralidade no desenho do espaço público. Associando-se a esta problemática o papel cada vez maior da tecnologia móvel na sociedade contemporânea, foi lançado um desafio, mais específico aos participantes, testar lógicas que permitam gerar uma aplicação móvel para o desenvolvimento local do Bairro da Mouraria, uma ferramenta transversal para a mobilização do potencial dos recursos locais, numa ótica participativa, alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030 da ONU. Um modelo sustentável que constrói a melhoria das condições de vida da população mediante a participação ativa da comunidade.

A metodologia adotada no laboratório cívico urbano assentou num conjunto de etapas e ferramentas operacionais para desenhar cidade. As palestras proferidas pelo Atelier Artéria introduziram as questões do laboratório. A primeira, expos os vários trabalhos realizados pelo atelier no Bairro da Mouraria. A segunda, apresentação de metodologias de intervenção para observar, avaliar e agir (figura 1).

Com um esforço coletivo e participativo de retratar e reconhecer a identidade da Mouraria, o António Brito Guterres lança o primeiro repto a duetos de participantes, uma experiência interativa híbrida, ao mesmo tempo física e virtual, de observação exploratória do bairro. A utilização dos dispositivos móveis – smartphones - e a aplicação 'mytracks' serviram para, em tempo real, registar trajetos e partilhar fotografias geolocalizadas. Dados de matriz quantitativa e qualitativa que foram transferidos para a maquete do Bairro da Mouraria, à escala 1:400, modelada e produzida no Vitruvius FABLAB –IUL (figura 2).

Com base neste mapeamento coletivo, foi, numa segunda fase, promovido um olhar crítico sobre os registos e diversas vivências individuais e coletivas. Cada grupo recebeu um toolkit para reflexão colaborativa em torno de quatro tópicos: mobilidade (verde), economia (amarelo), cultura (azul) e sociedade (encarnado) (figura 3). Cada grupo teve que identificar na maquete para cada tópico: (1) hotspots (esferas); problemas (cubos); soluções (pionesses) e recursos (cogumelos). Cada aluno, teve hipótese de apresentar 4 propostas por cada tópico. A discussão final permitiu o cruzamento de informação e aferição de caminhos para as propostas a realizar na etapa seguinte (figura 4 e figura 5).

A construção de propostas para a Mouraria realizou-se nos dias seguintes com visitas ao bairro, apresentações intermédias e reflexões em grupo (figura 6). Neste contexto, surgiram três propostas: (1) Alegrete – grupo: Álvaro Queiroz Fernandes; Carolina Cardoso; Raquel Gameiro Lopes; (2) S.A.L.A.O._HUB Associativo – grupo: Maria Margarida Reis e Silva e Sílvia Félix; (3) SO.ANDO – grupo: Alexandra Athayde Fonseca, Sara Belém e Laura Pomesano.

O projeto Alegrete surgiu no âmbito do reconhecimento de uma forte identidade rural associada a mecanismos de abastecimento local de alimentos frescos de auto-produção como meio de subsistência e contributo para a redução da pobreza urbana. O nome surge da observação de vasos de plantas ornamentais, medicinais ou hortícolas que decoram parapeitos de janelas e ruas do bairro, denominados de alegretes.

O aumento da consciência ambiental do século XXI, tem incentivado a produção alimentar nas cidades como uma estratégia urbana para a redução de consumos energéticos e aumento da biodiversidade concorrendo para o aumento da resiliência das populações. O Alegrete estabeleceu como metas fomentar a inclusão social, as relações sociais e intergeracionais e, assim, consolidar o sentimento de pertença e sentido de lugar das várias comunidades. O grupo estruturou um conjunto de atividades específicas que poderiam fortalecer a base económica das famílias e tornar o bairro eco-sustentável, como por exemplo: Open Quintal; Chá da Avó Severa; feira de troca de sementes; cozinha comunitária saudável (figura 7). O incentivo à participação da população multigeracional, enquanto prática urbana comunitária, auxiliaria o surgimento de movimentos e mercados de agricultores urbanos, possibilitando a edificação de um ecossistema local.

O projeto S.A.L.A.O._HUB Associativo (Suporte para a Ação Local de Associações Organizadas) emerge da identificação de uma forte presença de associações locais no bairro da Mouraria e da ameaça latente do seu desaparecimento motivado pelo contexto de transformação em curso em Lisboa (figura 8). No bairro da Mouraria o associativismo proporcionou desde sempre à população formas de participação cívica da maior relevância, pela sua importância social, cultural, desportiva, recreativa e até económica, como polo de

desenvolvimento das comunidades. Neste sentido, a criação de um HUB associativo, com sede no Grupo Desportivo da Mouraria, permitiria a experimentação de soluções inovadoras ajustadas às transformações urbanas e sociais que o bairro enfrenta, desemprego, falta de qualidade de vida, envelhecimento, falta de habitação. A união de todas as associações num mesmo espaço permitiria o desenvolvimento de um processo dinâmico baseado na ação, onde todos atores assumem um papel basilar uma vez que estão “dentro” dos problemas e apresentam-se como os principais recursos para o “seu” desenvolvimento. O desenvolvimento local pressupõe a cooperação, a definição de ações conjuntas, a negociação dos conflitos e das solidariedades locais .

O projeto SO.ANDO tem por base a construção de um espaço digital de memória sonora coletiva das pessoas do Bairro da Mouraria que sirva simultaneamente o registro da identidade/herança cultural e produção de informação útil a quem visita o bairro (figura 9). O som tem vindo a assumir progressivamente maior protagonismo enquanto testemunho patrimonial pela UNESCO. O mapeamento do som das cidades (gravação e disseminação dos registos) seria realizado através da aplicação móvel permitindo obter um repositório vivo construído coletivamente e de forma partilhada pela comunidade local e visitante. A reconstrução das paisagens sonoras associadas aos espaços que envolvam a ação humana constituem exemplos relevantes do imaginário de todos e são muito diversos: os sinos das igrejas, a telefonia alta com o fado da severa, os estrangeiros a falarem da cidade, etc. SO.ANDO procura contribuir para a construção de um lugar de memória e salvaguarda da herança sonora do bairro da Mouraria.

Após vários dias de trabalho intenso, a exposição final e apresentação pública dos resultados do laboratório Cívico Urbano O lugar no Espaço Físico, pelos promotores e grupos, através de posters e de uma maquete, permitiu apresentar às autoridades municipais uma reflexão crítica coletiva e colaborativa sobre o sentido de lugar na construção de comunidade local (figura 10).

A abordagem metodológica baseada no registo das várias fases do trabalho em maquete, revelou-se um excelente veículo analógico para simular, testar e demonstrar as lógicas de uma aplicação móvel para o desenvolvimento local do Bairro da Mouraria. A visão holística e sistémica proporcionada pela maquete demonstra o vínculo de identidade do trabalho académico com o próprio espaço.



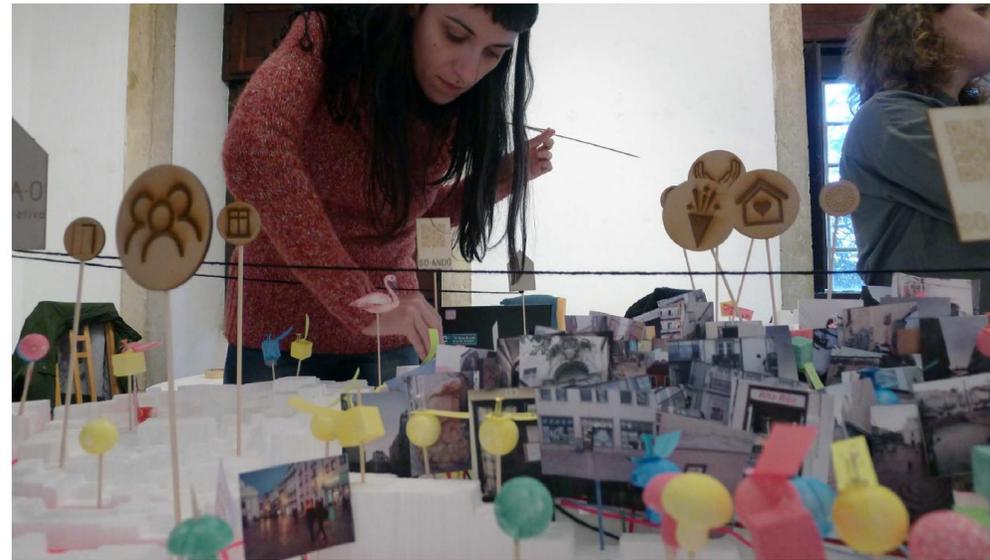




fig.01



fig.02